



CONTOS
E POEMAS

O JOGO DO
AMOR

*Ademir Pascale
Organizador*

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-00602-4

2024

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

NOSSO AMOR DE XEQUE-MATE, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 05

ANÁFORA, POR EMERSON PAGNUSSAT, PÁG. 08

TORNEIO DE GALA, POR FLAVIO JOPERT, PÁG. 13

A BARATA, POR GABRIELA GREEB, PÁG. 15

À PROCURA DE PERTENCIMENTO - NOS JOGOS DE AMOR, POR HELÔ ZAMUNÉR, PÁG. 20

O XADREZ DO AMOR, POR JANETE SANTOS SILVA, PÁG. 24

CHEGA!, POR JULIANA DA COSTA SILVA, PÁG. 26

TENHO MEDO, POR RITA DE CÁSSIA ZUIM LAVOYER, PÁG. 28

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 30

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

CONTOS
E POEMAS

O JOGO DO
AMOR

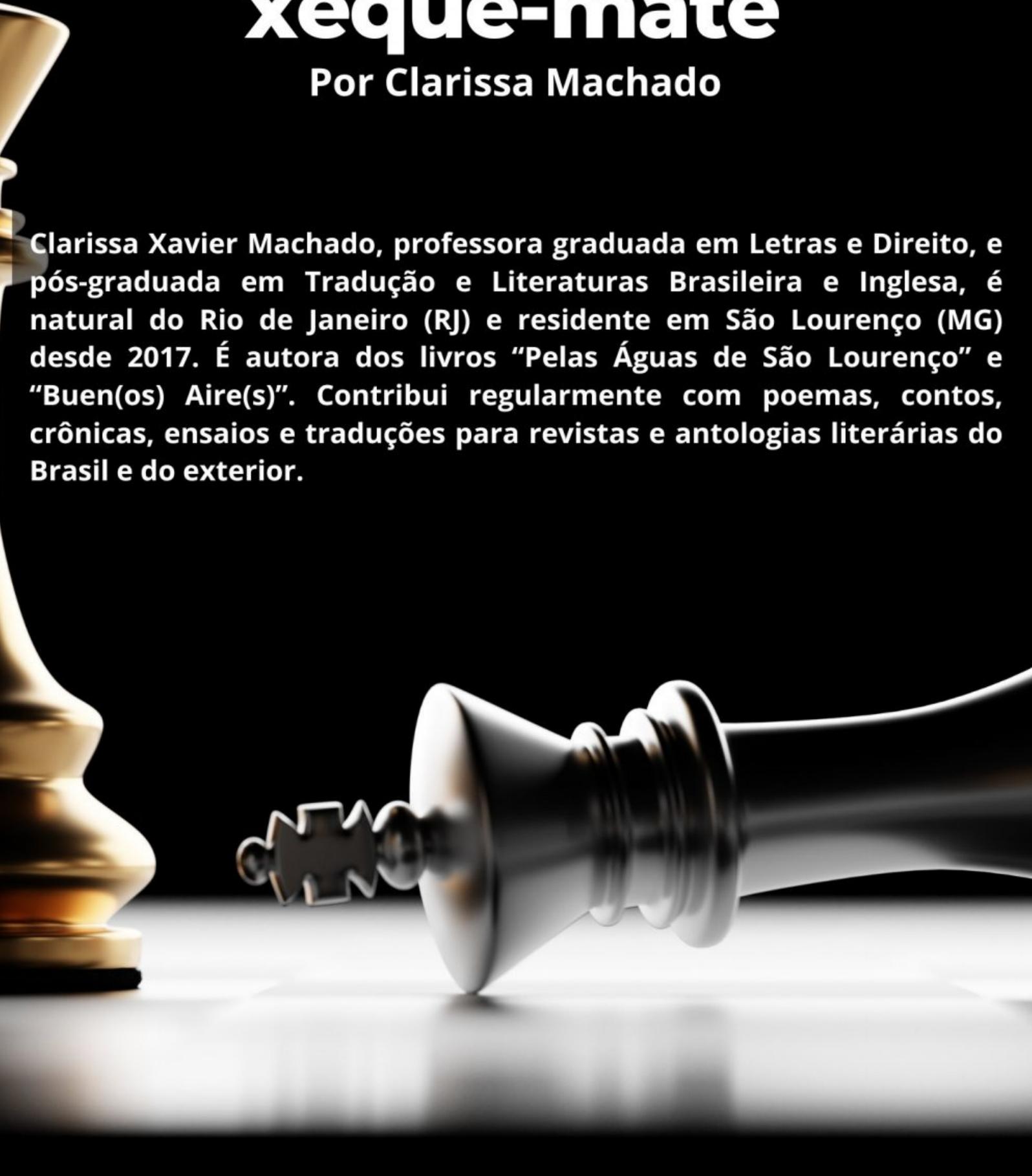
Ademir Pascale
Organizador

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Nosso amor de xeque-mate

Por Clarissa Machado

Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, é natural do Rio de Janeiro (RJ) e residente em São Lourenço (MG) desde 2017. É autora dos livros "Pelos Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)". Contribui regularmente com poemas, contos, crônicas, ensaios e traduções para revistas e antologias literárias do Brasil e do exterior.



***meu nome termina
seu nome começa.***

você esquece
 eu me lembro
 você se lembra
 e eu me esqueço.

esse jogo
 que eu finjo não jogar
 esse blefe
 que você finge não praticar.

eu apareço
 e você se oculta
 e quando me oculto
 é você quem aparece.

***gato e rato brincando
de se esconder.***

quanto mais fujo
 mais me encontra
 quanto mais foge
 mais te encontro.

eu me movo
 você paralisa
 você se move
 eu paraliso.

sonho contigo
e faço cara de paisagem
sonha comigo
e *poker face*.

**faço uma oração e
você faz o sinal da cruz.**

tão longe
tão perto
tão perto
tão longe.

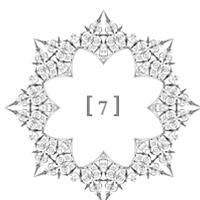
esse jogo
mantém vivo
o nosso amor
de xeque-mate.

um jogo simples
preto no branco -
eu sou a rainha
você é o rei.

**a rainha é mais poderosa
mas o rei não pode ser capturado.**

sorte no jogo
sorte no amor
lance decisivo
e brilhante.

**o jogo e o amor têm regras
que não podem ser quebradas...**



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Anáfora

Por Emerson Pagnussat

Nascido na cidade de Blumenau (SC), graduado no curso de Letras Português/Inglês pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Tem paixão pela literatura, principalmente pelos escritores russos como Nabokov, Dostoievsky e Tolstoy. Se enxerga como um escritor diletante, que ainda está escrevendo as primeiras palavras de sua história, porém, crê que, com a prática e o exercício da escrita, essas palavras se transformarão no livro de sua vida.



Senhores, se tendes ouvidos, então ouvi! Um alto cargo a mim foi outorgado. Trago a vós uma mensagem. A essa incumbência abraço com desvelo e desfastio, pois isso fará com que a dispepsia desapareça. “Todos os calados são dispépticos”, foi dito. Vejo que encontrei a cura para minha dor de estômago. Colocar-me-ei então a falar, porém, entendi que, aquilo que direi é como a chuva: para alguns pode ser um sinal de destruição, mas para aqueles que tem sede, ela pode ser um bom presságio. Isso dependerá menos de mim que sou o portador de tal mensagem, mas tão somente de vós. Para certas pessoas, parecerá que falo por meio de enigmas e fragmento de enigmas, porque, mesmo vendo, elas não enxergam; e escutando, não ouvem, muito menos compreendem. Já para outras, o que narro, será tão claro como a chegada da ancila do sol, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito.

Não se enganai, não trago nada de novo. Ao invés de letíficas palavras, proponho-me a esgaravatar o passado. O que aqui escrevo já foi dito e redito desde os tempos primevos. Houve uma época em que essas palavras vagavam por outras consciências. Vieram elas então ao meu encontro e se alojaram na minha alma, no meu ser. A princípio, não foi deleite, asseguro-vos isso, senhores. No início, recusei a atribuição a mim concedida. Esgueirava-me dela e metia-me no meu canto escuro como uma aranha. Fazia do silêncio o meu lema. Por um longo período isso veio me consumindo, corroendo lentamente, noite após noite. E com isso veio ao meu encontro também a cólera, a angústia, e então um sofrimento atemorizador.

E sofri assim um sofrimento sepulcral na solidão das noites silenciosas da minha morada. Temia perder-me dentro do silêncio que habitava em mim. A tendência era a minha total degradação se tudo continuasse como então estava. O silêncio circundava-me até as profundezas da alma, e a morte também me cercou. Tinha vontade de gritar para findar o abismo do silêncio que havia dentro deste pobre desditoso. Foi então que aconteceu, do ventre da morte gritei por livramento. A náusea que tanto me afligia resultou em vômito. Tomei consciência de mim, passei a entender-me, agora, então, quero superar-me. Eu quero representar um modo mais elevado de ser. Vede, agora que passei a ter acesso a mim mesmo, quero lançar para fora as palavras que me sufocam. Então escutai!

Ora, realmente eu não ficarei estarecido quando, num futuro não muito distante destes dias, dos quais vive-se hoje, nesta insensatez, surgir um cavalheiro de fisionomia nobre, fala distinta – com um vocabulário rebuscado, livre de impropérios – dizendo ter

descoberto às respostas para os sofrimentos desta vida, afiançando-vos ter encontrado o caminho para as terras Hiperbóreas. *'Vexilla regis prodeunt inferni!'*

Porém, não reduzi tudo a clichês por demais usados e ultrapassados. O sujeito não terá a rubra cor, não o acompanhará a abjeta pestilência, nem possuirá como aporte um tridente, apetrecho não peculiar, fruto dos devaneios dos gentios. Acreditai, não será como o Mefistófeles de Fausto, com aqueles chifres e com os cascos que os senhores inventaram.

Em um momento oportuno, o cavalheiro colocar-se-á de pé perante uma grande multidão, porá as mãos na cintura e declarará estar em posse de meios para conduzir a humanidade a fins, a propósitos por demais quistos, mas jamais alcançados no decorrer de toda a insólita existência humana. Porém, o que o postulante a salvador trará, de maneira latente, serão métodos para conduzir a humanidade a fins que estão intrínsecos em si mesmos. Ele fará com que os responsáveis pelo pecado sejam não os próprios agentes, mas sim os astros; jargões psicológicos serão empregados para dissuadir as pessoas e os homens se envergonharão de não serem 'liberais', 'mente aberta' aos olhos de seus semelhantes. Sem aperceberem-se, ele fomentará a vaidade, o amor a si mesmo, matando assim, por inanição, o amor ao próximo. Sim! *Ecce homo!*

E não há dúvidas que esse cavalheiro encontrará adeptos por todo o orbe, os quais acreditariam na sua incrível patranha. Tudo isso devido a mais fútil das causas: o ser humano sempre gostou de agir ao seu bel-prazer e nunca segundo lhe ordena à razão. O homem age para que de certa maneira possa viver única e exclusivamente de acordo com suas estúpidas vontades. E o diabo bem sabe que vontades são essas. Este ser chamado humano, por demasiado humano que seja, possui uma grande volatilidade, há uma certa instabilidade em seus fundamentos morais e, por consequência disso, muitas maneiras de corrompê-lo.

Prestai muita atenção, pode-se fazer com que uma simples afirmação não condizente com a verdade, nem com a realidade, adquira um caráter dogmático, de modo que o 'Norte' adquira a direção a qual se aponta o dedo, independentemente de sê-lo. Isso posto, consegue-se tencionar o ser humano a escolher o caminho o qual se deseja, com o intuito de prendê-lo numa teia de mentiras. Tão só com algumas migalhas pode-se conduzir a humanidade a acreditar no que se quer, fazendo com que um mero conjunto de princípios especulativos venha a se tornar um dogma.

Por exemplo, imaginai que se pretende levar as pessoas a acreditarem que o lugar no qual se vive não é como até então foi dito que fosse ou como se percebe ser nesse exato momento. Começar-se-ia apontando supostas imperfeições nas explicações até então existentes, atribuindo a elas lapsos de concordância os quais fariam com que as evidências até então creditadas como verdadeiras ganhassem certo descrédito. Por conseguinte, expor-se-ia a maneira da qual se pensa, fazendo com que aquelas conjecturas – levantadas pelos adversários de pensamento – fossem preenchidas por conceitos mais apropriados e naturalmente dignos de insuspeição. Conduzir-se-ia esses conceitos na direção da empiria – mesmo que não fossem – colocar-se-ia esses tais fatos por detrás de uma espessa cortina de fumaça da qual seria impossível transpor do ponto imaginário ao real. Far-se-ia com que, além de sentirem, experimentassem aquilo que agora se declara como verdade. Poderiam não só tasteá-la e cheirá-la, mas também a experimentar e acreditariam ser esse o mais puro dos néctares. Armar-se-ia um complô contra a ‘verdade deles’ e se fixaria aquilo que não estivesse regular, pois sabe-se que há muitos modos de afirmar. Aquilo que não se soubesse como explicar, simplesmente seria negado, sim, tudo o que pudesse contradizer, induzir ao erro, negar-se-ia tudo, incorporar-se-ia aquele espírito que tudo nega e não se discorreria a respeito de tais fatos. E assim seria decretado o início de uma nova era.

Por meio de falácias ilógicas, difíceis de se contrapor, obviamente, firmar-se-iam novos preceitos capazes de dissuadir até os homens de bem, seja lá o que signifique ser um homem de bem. Chegaria então o momento em que aquele conglomerado de ideias sem sentido, espalhar-se-ia como uma peste por toda a superfície terrestre. A terra então cobrir-se-ia com a profana trindade: a impotência, a ignorância e o ódio.

Aqueles que têm sangue falso de teólogo, os asininos que habitam entre a civilização, que macaqueiam por aí, envoltos nas certezas da própria ignorância a que estão entregues, não conseguiriam debelar esta nova praga, pois a irrealidade traria as possibilidades em auxílio as premissas orquestradas. Aquilo que não é seria mais importante daquilo que é, e assim, uma grande confusão dominaria todas as nações.

Tende certeza de uma coisa, como resultado, os partidários da causa então levantada não demorariam a aparecer. Surgiriam gentes dos mais diversos cantos deste mundo, talvez tímidos num primeiro instante. Mas logo esses neófitos passariam a defender com todo fervor o que lhes fora apresentado. Essa gente acharia um absurdo ver seu próprio irmão ou amigo não anuindo ‘a nova’, eles se ofenderiam, maltratar-se-iam uns

aos outros, laços seriam desfeitos sem a menor dificuldade. Sim, conhece-se muito bem do que são capazes esses amargurados de espírito. Não seriam mais do que cegos guiando cegos para o abismo. E então se ouviria: deixai-os.

Vejo em tudo isso uma condição análoga ao passado em que os engodos sempre foram elevados a categoria de verdade genuína e o tolo a uma de gênio, douto, filósofo ou qualquer outra categorização que se queira dar. Ouvi-me, meus amigos, a mentira é para escravos e é por essa razão que, no decorrer dos tempos, muitos foram os que renunciaram a liberdade de pensar devido a uma transcendência do comodismo sobre o advento gratuito dessa liberdade. Pensar significa uma superação constante do próprio comodismo. Não é palavra nova, renuncia-se a liberdade porque se prefere a escravidão.

Tempo para uma pergunta das mais inquietantes que intriga o ser humano: o que vem a ser a liberdade? Bem, a minha antítese abriria a boca, de uma maneira escancarada, com seus dentes tortos e hálito fedendo a miséria interior, peito *columbídeo* soerguido para melhor bradar aos quatro cantos: liberdade é poder fazer única e exclusivamente aquilo que se quer.

Prestai muita atenção no que vos falo, filhinhos. As antinomias estão aí para confundir-vos, deve-se duvidar delas. Não percebeis que liberdade consiste também em não fazer aquilo que se quer. Duvidais?! Ora, então pensemos. Se liberdade consistisse unicamente em fazer aquilo o que se quer, logo não tenho autonomia, pois obedeco a todos os meus impulsos e desejos. Dessa maneira, sou escravo deles e o princípio de liberdade, como exposto, então anula-se.

Liberdade outrora fora colocada como a possibilidade de fazer escolhas. Sim, o ser humano está sempre fazendo escolhas, não percebei? O ato de 'não escolher' já é uma escolha, visto que eu escolho não escolher, daí resulta a escolha. Toda escolha tem consequências, as vezes boas, outras vezes más. Assim, somos responsáveis por nossas escolhas, para o bem ou para o mal. Sou livre para não fazer aquilo que quero porque sei que tal ato será uma má escolha. A todo momento sou impelido a fazer escolhas e são elas que fazem com que eu seja eu. É a possibilidade de fazer escolhas que dá significado ao meu alvedrio. E talvez seja a possibilidade de fazer escolhas a maior causa da angústia humana, visto que todas as consequências das minhas escolhas pesam sobre mim, direta ou indiretamente.

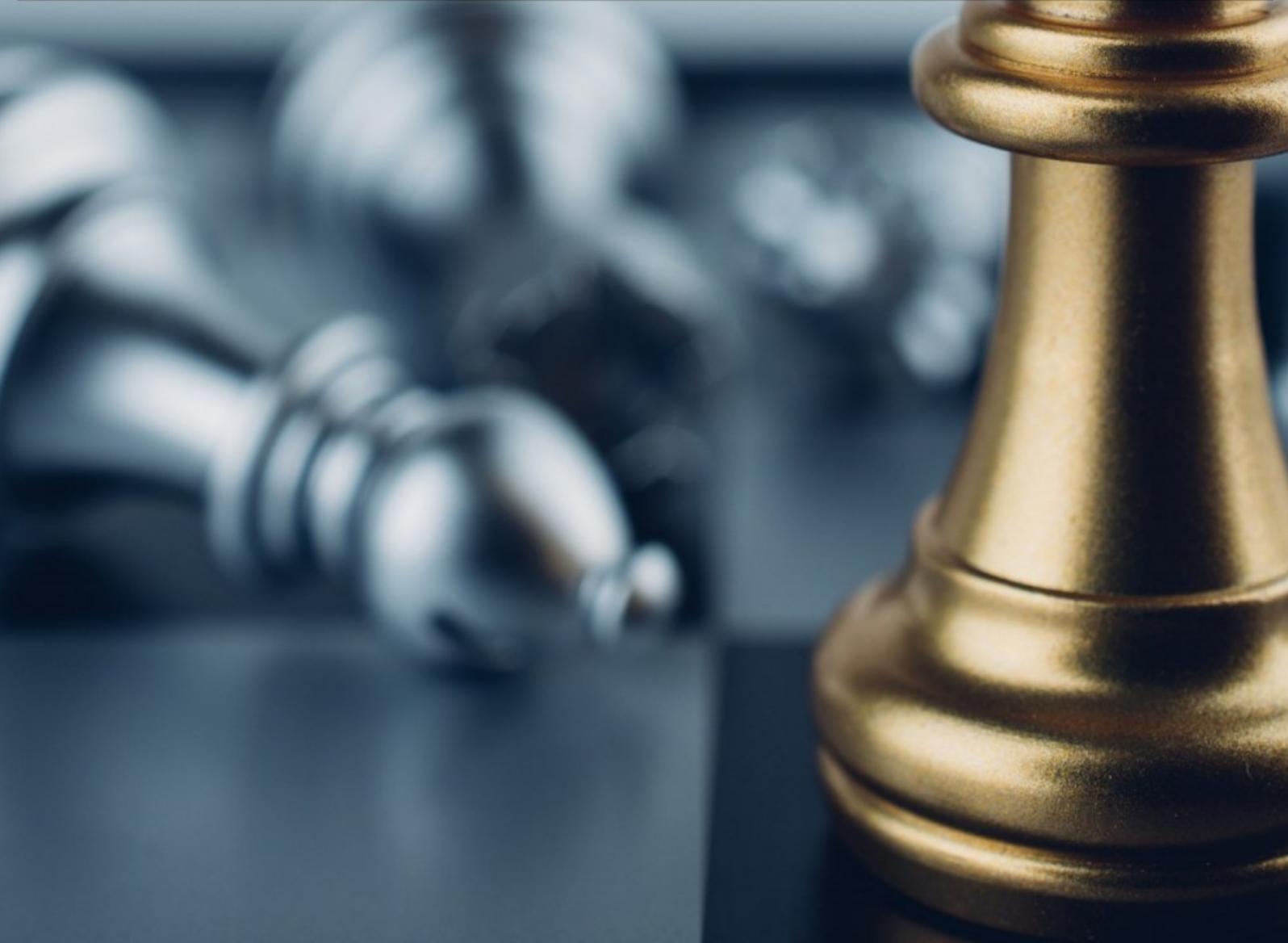


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Torneio de Gala

Por Flavio Joppert

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

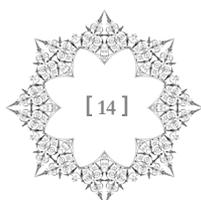


Brasões, bandeiras, paquifes,
os cavalos e a corrida.
Deixam em tons naifs
a donzela hora comovida.

Lanças se partem ao ar.
São de madeira leve.
Por mais que lutar,
a lisonja é breve.

Outrora o cavaleiro,
com tença de aveia,
combate o forasteiro
de sua senhora cativa.

Naquele quartel sinistro
de torpe serpente,
parte-se e o é visto
a lança ante o delinquente.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A barata

Por Gabriela Greeb

Gabriela Greeb (São Paulo, 1966) é cineasta. Estudou Filosofia no Brasil e na França, onde viveu entre 1989 e 2000, quando passou a se dedicar ao cinema. Realizou o longa-metragem *Hilda Hilst pede contato*, e livro homônimo. Participou da Flip dedicada à Hilda Hilst com a mesa "Performance Sonora" ao lado do sound designer português Vasco Pimentel. Atualmente desenvolve trabalhos em artes visuais em museus e institutos de arte.



O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora, afirmou Pascal, o filósofo. Sim, eu o entendo. Se eu tudo visse, ou se ouvisse o silêncio de tudo o que não vejo, insuportável ruído seria aos meus olhos e ouvidos. Eu vislumbraria a realidade de uma só vez, passado-presente-futuro pelo mesmo buraco de fechadura, com todas as pupilas do mundo concêntricas e fixadas por um alfinete em cada um dos meus olhos. Se através dessa fenda obscura eu pudesse ver as conexões infinitas dos acontecimentos saberia porque a barata saiu desse saco de terra e voou no meu rosto. Naquele exato instante o universo inteiro se apagou, era só eu e a barata, mais nada.

Play.

Saltei do sofá e sacudi a cabeça repetidas vezes, a barata presa nos meus cabelos, eu gritando sozinha no apartamento, ela batendo as asas barulhentas nas minhas orelhas e despertando meu corpo de forma épica. Se eu tivesse acesso a visão total dos acontecimentos poderia explicar esse evento. Mesmo se sou incapaz de explicar ao certo porque isso ocorreu, quero chegar à gênese desse encontro.

Rewind.

Dou três passos para trás, a barata voa de volta para o saco de terra, sento de volta no sofá, fecho o saco em vez de abrir, e me ponho a pensar. Me sinto infinitamente pequena diante do universo. Solto meu corpo no veludo vermelho, respiro, e observo lentamente o apartamento vazio, a janela aberta, a cidade ao longe, o céu escuro. Noto que as estrelas também são sozinhas, mas que se movem, e que meu sofá se move com elas. Se tudo no universo dança a mesma música, se tudo está conectado por algo indivisível, estamos todos nós, gigantes e minúsculos, rodopiando no mesmo salão. Essa música, que não ouço, é o silêncio dos espaços infinitos, que apavora Pascal. Pela dança eu consigo sentir a música, mas não muito mais do que isso. Somente pela matemática e geometria é possível "admirar a potência da natureza nessa dupla infinidade que nos circunda por todos os lados". Ainda assim, quero ultrapassar a linha e ver o invisível. Vou encaixar meus olhos nos dele, transportar minha visão e ver o que ele vê. Me concentro em um fluxo de imagens qualquer, encaixo nas minhas todas as pupilas que estão no caminho, e

no centro delas finco um alfinete até furar meus olhos. Abro a fenda, tenho vertigem, reconheço a desmesura, desmaio. Viajo de um círculo a outro e vislumbro vários infinitos que atravessaram o nosso amor, até o acaso jogar essa barata no meu rosto. Aqui compreendo o filósofo, definitivamente: tudo está conectado pelos acasos da desmesura.

Fast Rewind.

Ele me deu de presente um saco de terra orgânica. Havia quatro meses que não nos falávamos, e aqui sim estive entregue ao silêncio, calada diante do inexplicável fim de nosso amor. Eu e ele em silêncio absoluto após a deliciosa valsa que dançamos durante cinco anos, no enorme salão de nossos corações. Conforme o baile avançava o salão diminuía, até que acabou o espaço para a dança, e silenciámos. Eu fui para o sofá vermelho e aqui estou há quatro meses, sem me mexer, lembrando de tudo o que não aconteceu no futuro, a terra que não foi plantada. Ele, por sua vez, decidiu reciclar restos orgânicos. Percebeu que as coisas mortas, como eu no sofá, poderiam ser recicladas. Viu que para isso seria necessário plantar minhocas. Passou a levar seus restos em uma praça aos sábados pela manhã.

Em minha retina se projeta a praça vista de cima, ela é redonda como uma pupila, com pessoas que chegam por todos os lados carregando sacos de lixo. O séquito se dirige compassado para o centro do jardim onde está a composteira, o altar onde a morte se transforma em vida. As vezes me sinto um saco de vísceras carregado por alguém, mas “o mais profundo é a pele”, diz o poeta Paul Valery, “a pele cobre tudo aquilo que somos”. Me concentro, mergulho na visão e esqueço todos os contornos.

Search Back.

Sou somente olhos, uns sobre os outros, busco o foco, fecho o leque como o pavão, sobreponho o olho de uma pluma ao olho de outra pluma, e assim por diante, até chegar na visão-total. Consigo vislumbrar passado-presente-futuro em um mesmo plano, estou diante de um palimpsesto que me esforço em decifrar. Meu corpo jaz no veludo vermelho enquanto sustento o olhar no mais alto grau até que minha visão some no intempestivo

encontro com a barata, que toca a minha pele. Somos a vertigem da madrugada, eu e a barata, mais nada.

Pause.

Lembro da história de uma avó que sumiu dentro de casa, todos buscando pela velha, ela foi encontrada somente uma semana depois, estava presa dentro do sofá. Aí perguntaram como tinha sobrevivido esses dias todos, ela contou que comia migalhas. As migalhas são sempre uma garantia na hora da fome, e mesmo as baratas, que também se escondem em sofás.

Reverse.

Não respiro, sustento o foco, me deixo levar pelas imagens de seus olhos, vejo o que ele vê, entro em seus pensamentos, sou ele: tiro do saco de lixo o pepino de sexta-feira, ainda verde exultante, coloco na composteira. O altar. Esmago com as mãos as cascas de ovo das manhãs de segunda e terça, espremo na terra os bagaços da quinta-feira. Revolvo. Lembro que na quarta-feira não teve lixo, fiz jejum por conta de uma sessão de ayahuasca fora da cidade. Nessa noite vi uma miragem no escuro do salão. Quanto mais a olhava mais vomitava, quanto mais a via, mais cagava. Tentei ir em sua direção mas tinha um sofá vermelho impedindo a passagem, e nele a sereia visionária. Rezo. Devo tirar os resíduos do caminho, vencer o sofá e atravessar o salão vermelho. Quero injetar carne nas sombras, dar vida à miragem.

Forward.

O corpo dele se move numa outra valsa, eu me movo junto com ele, e tudo misteriosamente desaparece em sua passagem. As conversas, as cartas, as fotografias, os restos se apagam, as evidências somem. Seu caminhar é ralentado, escorregadio, carregado de vísceras e minhocas. O desejo o lança para frente, sem hesitação.

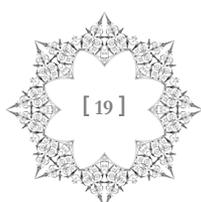
Fast Forward.

Ele avança para a zona sombria do fundo do salão. Sigo dentro do seu corpo, sinto seu coração vazio junto ao meu, recolhemos seu vômito com as mãos, plantamos seus restos, colhemos o adubo. Ele afunda as mãos no barro e seu coração se enche de sangue ao tocar a terra nova. Quando a dor aperta, ele coloca pedras no saco, quando as lembranças são suaves, coloca terra preta, mas quando rega a miragem com nosso chorume a barata entra no saco, e aí sim tudo se enterra no saco preto.

Stop Recording.

Ele traz o saco fechado para o sofá vermelho. Nos olhamos durante horas e mesmo após quatro meses de silêncio, pouco falamos. Estou petrificada, a visão-total me fere um golpe: quando ele me olha vejo a mim mesma, ausente sobre o veludo, e do meu corpo me vejo em seus olhos, meu rosto está apavorado, me perco no jogo de espelhos, ouço o silêncio eterno dos espaços infinitos. Ele vai embora e deixa comigo o adubo, nossa urna. Nesse lapso o horror se materializa e voa na minha cara.

Eject.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

À procura de pertencimento – nos jogos de amor

Por Helô Zamunér

Maria Heloisa Zamunér Calocini (Helô Zamunér) É Educadora, formada em Letras, Mestrado em Educação, Pós-graduada em Leitura nos Meios de Comunicação. Dedicção: área de leitura, textos e linguagem – ensino fundamental, universitário e pós-graduação. Palestras: Literatura/Linguagem. Autora Livro (Romance) O pequeno rio e eu. Ed. Mar, Cabreúva, 2022; Premiada - 1º. Lugar Conto: A menina equilibrista - Concurso Lit. CIOESTE - 2023 - Beleza da Pessoa Negra (Barueri, 29/11/23).

Instagram: @escritasdahelo; helozamuner.blogspot.com

Ela jogou para ganhar. Seguiu regras sociais. Atravessou cancelas – fez-se rica. Mas. Voltou. Ainda no jogo – quer pertencimento. Critica imposições, protocolos. Mulher bela perde essência nos jogos de linguagens: à procura de prazer, amor. Propõe-se: não ao corpo encarcerado nas relações de poder, discursos. Pois. Sentiu-se rio correndo dela – não-lugar. Exausta. No caos. Recortando materialidades – sobrepostas, artificiais, anônimas: recolhendo falas alheias. Receitas. Agora, autônoma, participe.

Hoje, em apagão de energia, aos gritos – nem sua voz a reconhecia. Organiza-se! Até o inconsciente, se desse. Com tênue luz de celular, no espelho, espantinho de mulher madura, bem situada. Vale o que habitar cobertura, prédio de luxo, segurança? Eu, tecelã incapacitada! Ela, mesmo com vendaval encara vida sem agendas. Abre janela – tabuleiro jogos de amor, sonhos – tudo se esparrama aos golpes de vento! Em explosão psicótica, a bela pisa colcha de retalhos, ridícula, que tecia com palavras de outrem...

Sobram seus textos molhados lágrimas, à espera de um escape! – Vai um sedativo?

Através da vidraça, com binóculo – distante – ajusta tecnologia: passantes e geografia, que habita... Logo aí, banco da praça, Moço Maluco, em trajes largos, munido de violão, mochila de livros... A banca de jornais... Então, mulher foca e reflete no jogo com Nietzsche: “É preciso ter o caos dentro de si para gerar uma estrela dançante”. Como? Decide ler ainda mais. Dirige-se à biblioteca municipal. Lá, pesquisa livros... Meu Deus, ele?! Prazer, Lucas, já com uns debaixo braço... fala em narrativas, autores... e elogia beleza da mulher! Prazer, Célia. Eu sei...

Dias passaram. Hoje, polícia no prédio imponente da cidade de interior, em granito preto, praça São Jorge com árvores frondosas... Profissional à dona Zefa, que serve casa Sra. Célia, desde casou com político, já morto. Preciso fazer perguntinhas... A Sra. Célia sem notícias há quinze dias, deixou endereço? Não. Insiste, será, a outras casas dela, fora cidade? Já procurei por tudo. Costuma ligar? Sim. Ela, família? Não. Amigos? Sim, ninguém viu. É! Se mulher, de costumes tradicionais, rica, madura, elegante, que – frequenta academia, clínicas estéticas, salões beleza, faz caminhadas... tão conhecida... já de manhã a descrevem: coque alto, betumada em cremes, trajes de ginástica da moda... Sumida!? Deus! Polícia investiga! A Sra. acha, ela algum motivo? Não senhor, sei nada não! Celular, computador? Levou tudo. Ele revira livros. Serviçal traz água e café.

Já, a cidade de interior, em pavorosa. Dona Célia sumiu e até Moço Maluco da praça! Doido matou ela, credo?! Enquanto isso, homem da lei vasculha tudo na casa, quer endereços. Pergunta muito. Dona Zefa, há anos marido morreu, né? Dez! Soube que ele, morte trágica? Sim, oito tiros em praça; também, ele mexia coa menina, vendedora de doces! Nossa! É, dona Célia sofria co ele, inda bem patrimônio ficou co ela! Alguém reclamou fortuna? Não, ele político, entende? Ela viaja? Sim, teatros, filmes; mas, sempre avisa eu, senhor! A cidadezinha virou local propício à mídia – desconfiam de crime. Assim, vida da Sra. Célia, de ponta cabeça. Era pobre; enricou depois casamento; viúva namora fora da cidade, mas nunca achou o amor verdadeiro!

Além do mistério da desapareição da Sra. Célia... A seguir, Moço Maluco deixa a pousada, sem explicação... Passava o dia na frente do prédio da mulher... Ninguém questiona vínculo. Afinidade entre dama da sociedade, bonita... e jovem arredo, mal arrumado, sentado na praça, dia-a-dia, lendo livros, ou tocando violão? Jamais! Ou pode?

Policia ainda no ap. da vítima. Se ela viaja, como? De táxi, Sr. Zé do Ó, olha cartão. Policia liga. Não atende! É este! Outra pergunta: teve novas amizades, ultimamente? Só o Moço Maluco da praça virou amigo! Entrou aqui? Sim. Sobre o que conversaram? Sei não, cochichavam muito aí sala... Nunca ouviu nada? Só da última... ah, tenho vergonha... Diga, polícia pede! Então... procuravam um tal de cisne negro... Como, dona? Ele assustado. Eu penso que é aquilo, sabe? Eu, sei não... eu, nunca vi, nem branco, nem negro, nenhum... verdade! Eu, virgem! Só isso? Espiei atrás da porta: sabe, riam, brincavam coas mãos – de ir e voltar! Moço dizia: num sei que lá... de improvável... de cisne... um mistério com cisne negro. Confuso isso! A Sra. trabalha nos finais semana? Não. Notou algo diferente? Nada. Não veio, certeza! Cheirei... tudo igual, eu saberia!

Enquanto policia liga novamente ao taxista, se questiona sobre o cisne negro, que mistério! De repente, profissional observa sobre mesinha o enorme livro: A Lógica do Cisne Negro, de Nassim Nicholas Tale. Eitá? Rapaz maluco? Homem da lei fotografa o livro, pensativo. E, enquanto ele o folheia... Ela: ah, sabe Sr. Pulícia? Lembrei: dona Célia e o Maluco trocavam livros... Caindo a ficha: senhora, por acaso, sabe onde morava o rapaz leitor? É numa pousada, aqui perto, indica direção... Tem foto do moço? Não. Telefone? Também não, mas posso procurar lá no quarto, momento... Ele, com livro em mãos: será leio? Livro grandão! Pensando: vai que... interessado no cisne negro! Eu levo o livro, dona... vou pesquisar melhor o paradeiro da madame... Trago depois...

Ainda naquela noite, porteiro chamou no ap. da madame. E dona Zefa recebeu caixinha de presente, laçarote rosa, cartãozinho: à Zefa, com carinho, Célia! Como assim? Foi esposa do taxista, Sr. Zé do Ó... Mulher contou: marido voltava de levar dona Célia ao aeroporto, semana retrasada, um caminhão fechou carro dele... presente ficou no carro... Meu Deus! Disse, homem na UTI! Coitado! Zefa desembulha, celular para mim!? Vige! Mensagens dona Célia! Dó, roubaram celular dela! Gente, dona Célia tá Portugal co Lucas! Quem? Moço Maluco, da praça! Ele, escritor famoso, ganhou outro prêmio, 3º. romance, que escreveu... Olhe fotos!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Xadrez do Amor

Por Janete Santos Silva

Janete Santos Silva é mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/PPGed. Graduada em Letras pela Faculdade de Ciências Educacionais- FACE / Valença- Bahia e em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Itapetinga- Bahia. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica EDUCON/ FAVENI. Atua como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II na Rede Municipal de Itapetinga/BA. É membro do Grupo de Estudos em Linguagem, Formação de Professores e Práticas Educativas - GELFORPE/UESB/CNPq. Seu currículo Lattes está disponível em <https://lattes.cnpq.br/9732997152054690> e seu perfil ORCID pode ser encontrado em <https://orcid.org/0000-0002-3803-0358>. Para entrar em contato, envie um e-mail para ninha.bela@hotmail.com.



Em um tabuleiro de emoções e ardor,
Jogamos o xadrez do amor,
Com peças de desejo e lances sutis,
Nessa partida, nossos corações se unem em mil.

Os bispos e rainhas, opostos entre si,
Trazem antíteses que nos envolvem aqui.
Conflitos internos, dualidades no ar,
Enquanto buscamos o amor em cada jogada a arriscar.

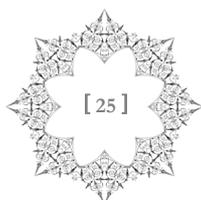
Cada casa é um campo minado de sentimentos,
Estratégias traçadas por movimentos lentos.
Metáforas em cada lance apaixonado,
O jogo do amor nos leva a lugares inesperados.

As torres são pilares de força e proteção,
Enquanto os cavalos saltam na dança da sedução.
A cada avanço ou recuo, sentimentos se entrelaçam,
Nesse jogo intenso, as emoções se abraçam.

Assim como peões diante dos desafios da vida,
Nosso amor enfrenta batalhas sem medida.
Mas é nas adversidades que encontramos a verdadeira valia,
Descobrimos que juntos somos fortes em harmonia.

Em meio às estratégias calculadas com sutileza,
Desvendamos segredos nas entrelinhas da certeza.
No xadrez do amor, vencemos ou perdemos com paixão,
Porque mesmo nos lances incertos há aprendizado e gratidão.

Nessa partida sem fim,
Com coragem para enfrentar o improvável fim.
No tabuleiro, o amor é um jogo de sentimentos e fraquezas,
E nossas jogadas verdadeiras proezas.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Chega!

Por Juliana da Costa Silva

Formada em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará, e atualmente cursa a pós-graduação em Língua Portuguesa e Literatura. Escreve desde 2019, e vê a educação como um caminho de muitas oportunidades e poesia.



Ela disse chega quando o ponto de partida estava turvo pela distância,
Ela tinha que percorrer muitos caminhos para começar de fato a caminhar,
Mas cansada, extremamente exausta, cansou de seguir, parou, pensou...
Como os pensamentos vem sempre antes das palavras
(estas as vezes nem são pensadas direito)
Ela falou "chega",
Por mais que andar fosse necessário,
Há passos que ferem muito, doem, cansam e
Talvez parar era a melhor escolha
Ai ela olhou em volta, levantou o olhar
E, na luz de um céu de milhares de estrelas
De um Senhor de Luz maior
Ela percebe que na verdade...
Ela não disse chega porque desistiu
Ela apenas cruzou a linha de chega'da e venceu.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

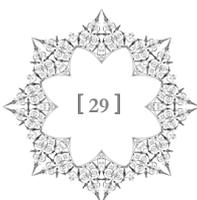
Tenho medo

Por Rita de Cássia Zuim Lavoyer

Rita de Cássia Zuim Lavoyer é professora. Possui 11 livros publicados. Várias vezes classificada em concursos literários nacionais.



Tenho medo, meu amor, que nos falte a vida
e que esta falta separe duas almas tão queridas.
Tenho medo de não passar contigo uma noite que nos caiba,
não poder, no abrigo da madrugada, desvendar os segredos
do prazer no orvalho do nosso calafrio.
Quero, no cio que alimenta nossa carne desgarrada,
agarrar-te na estação do nosso estio.
Tenho medo, meu amor, de não ter juntas minha boca e a tua
e da coragem que insiste levar-me a ti
como verdade nua e crua.
Tenho medo, meu amor, de ficar contido o teu sexo
sem em mim desfrutar a tua práxis,
deixando-me um futuro estase.
Tenho medo, meu amor, desta ausência repetida
que ronda o teu semblante, que me amar não queiras mais
e não me sintas, após nossos rituais, tua amante.
Tenho medo do porquê do azul do céu
se de dia é claro, escurece a noite
olhar do lado e descobrir: foste.
Tenho medo de não dançar contigo uma música inteira.
Que não seja brincadeira, posto que na sonata,
eu os movimentos, as sinfonias da tua camerata.
Tenho medo de não assistir do tempo a metamorfose.
Vivamos no agora o excesso da nossa essência
para partirmos juntos, meu amor, na nossa overdose.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI